

In war we trust: imperialismo estadunidense do pós-1991 e guerras sem fim

*Luiz Felipe Osório¹
Thomaz Delgado De David²*

Resumo: A guerra torna-se um elemento cada vez mais comum no cotidiano das relações internacionais. Mesmo no período de dominância mundial dos Estados Unidos, após o fim da Guerra Fria, os conflitos e hostilidades aumentaram pelo mundo. O que se percebe hoje, inclusive, é que o próprio país hegemônico envolve-se diretamente e desconstrói a ordem erigida por ele no pós-Segunda Guerra Mundial. Logo, cabe o questionamento: a que ou a quem servem as guerras? O objetivo deste artigo é compreender o papel político-econômico das constantes guerras travadas pelos EUA a partir de 1991, enquanto superpotência imperialista. Para tanto, adota-se uma matriz teórica predominantemente crítica, própria das vertentes do marxismo, e emprega-se o método de abordagem materialista histórico-dialético, o método do procedimento histórico e a técnica de pesquisa documental indireta. Os resultados apontam para uma lógica de dominação em crise que tenta ser reconfigurada sem a perda da condição privilegiada quanto à supremacia militar alcançada, às demonstrações de poder, à atração de aliados, ao domínio de recursos, à lucratividade de alguns setores e ao apoio interno.

Palavras-chave: Estados Unidos da América; Guerras; Imperialismo.

In war we trust: post-1991 US imperialism and endless wars

Abstract: War is becoming an increasingly common element in the daily reality of international relations. Even during the period of United States global dominance following the Cold War, conflicts and hostilities have proliferated worldwide. Indeed, what is observed today is that the hegemonic power itself is directly involved in dismantling the very order it established in the post-World War II era. Thus, the

¹ Professor de Relações Internacionais, do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) e vice-diretor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6058-7809>

² Doutorando e Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador da RedeMarx – Rede de Pesquisadores Marxistas, registrada no CNPq. Bolsista da CAPES. E-mail: thomaz_delgado@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8402-0989>

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

question arises: what or whom do these wars serve? This article aims to understand the political-economic role of the constant wars waged by the US since 1991 in its capacity as an imperialist superpower. To this end, it adopts a predominantly critical theoretical framework rooted in Marxist traditions and employs the historical-dialectical materialist approach, the historical procedural method, and the technique of indirect documentary research. The findings point to a logic of domination in crisis—one attempting to reconfigure itself without forfeiting the privileged status gained through military supremacy, displays of power, the attraction of allies, resource control, sectoral profitability, and domestic support.

Keywords: United States of America; Wars; Imperialism.

Introdução

Próximo ao término da II Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos da América (EUA) tornaram-se uma potência hegemônica no cenário global. Isto, pois, a guerra reconfigurou de modo expressivo a estrutura hierárquica internacional e possibilitou a formação de uma nova ordem^I. Essa ordem contou com uma nova arquitetura econômica, a partir da Conferência de Bretton Woods^{II} (1944), assim como política, com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) (1945) e de outras instituições^{III}.

Desde então, até o término da Guerra Fria (1947-1991), ocorrido em concomitância com a derrocada da União Soviética (URSS), os EUA exerceram a liderança do mundo capitalista em oposição ao socialismo, em uma rivalidade denominada “bipolar” (entre dois polos antagônicos)^{IV}. Nesse contexto, expandiram seu poder político, pela competição com o poder militar da URSS, e econômico, através de relações complementares e dinâmicas com competidores desarmados e incapazes de enfrentá-los militarmente^V. Após esse período, deixou de haver oposição equiparável à supremacia dos EUA, que se tornou um *hegemon* do ponto de vista político, econômico e militar.

Este será o marco temporal deste estudo, ou seja, destacando a posição central ocupada pelos Estados Unidos, após o fim da Guerra Fria, contexto que foi anunciado por muitos como de paz e estabilidade, mas no qual foi verificado o aumento dos conflitos e das hostilidades, a ponto de chegarmos na crise que vivemos hoje, principalmente com a tentativa de reconfiguração da ordem sem perder seus privilégios pelos Estados Unidos, apelando para as mais variadas formas de violência e coerção, como expressões do retorno do militarismo exacerbado. Cabe destacar que Estados do centro global e, sobretudo, os EUA, são incapazes de reproduzir sua hegemonia sem estabelecer relações imperialistas no cenário internacional, especialmente em detrimento dos países das regiões periféricas^{VI}. Esse

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

imperialismo tem se desenvolvido, inclusive, através das intervenções militares estadunidenses.

De acordo com John Bellamy Foster e Robert W. McChesney^{VII}, “o militarismo e o imperialismo são inseparáveis para o capitalismo dos EUA, assim como o são para o capitalismo como um todo”. Contudo, é necessário aprofundar a reflexão a respeito, especialmente em termos de economia política, dando conta dos aspectos que permeiam a relação entre militarismo e imperialismo, bem como da conexão entre o imperialismo estadunidense e suas guerras.

À vista do exposto, busca-se responder o seguinte problema de pesquisa: qual é o papel das guerras na dinâmica do imperialismo estadunidense? Por seu turno, o objetivo geral é compreender o papel político-econômico das constantes guerras travadas pelos EUA, enquanto superpotência imperialista. Para responder tal questão e atingir o objetivo proposto, adota-se uma matriz teórica predominantemente crítica, considerando-se o potencial que essa teoria apresenta para uma perspectiva crítica do tema, ao privilegiar a economia política capitalista como fio-condutor da análise.

Em termos metodológicos, emprega-se a abordagem materialista histórico e dialético^{VIII}, o método de procedimento histórico e a técnica de pesquisa documental indireta. Em relação ao método de abordagem, destaca-se que ele possibilita desvelar a essência da relação entre o imperialismo e a guerra, assim como o caráter estrutural do militarismo dentro do sistema capitalista. Isto, pois, o materialismo histórico privilegia as estruturas concretas para a explicação da realidade e a dialética possibilita uma análise que vai além das aparências, explorando contradições em movimento.

Sobre o método de procedimento, sua escolha se deu em razão da necessidade de uma mirada holística para o tema, capaz de considerá-lo em um contexto histórico complexo e dinâmico, diferente de uma simples descrição de acontecimentos sucessivos. A respeito da técnica de pesquisa, considera-se a utilização de bibliografia especializada como meio de embasamento.

Ainda, cabe referir que o título deste artigo, “In war we trust” (“Na guerra nós confiamos”), faz alusão ao lema dos EUA, “In God we trust” (“Em Deus nós confiamos”), que consta em cédulas de dólares americanos. Assim, a substituição de Deus pela guerra sugere a importância desta para o país e para a sua economia. Na sequência, o desenvolvimento deste artigo se encontra dividido em duas seções. Na primeira, busca-se compreender o imperialismo nas relações internacionais, de acordo com uma perspectiva marxista, para então expor sua relação com o militarismo. Depois, na segunda, efetua-se uma análise do imperialismo estadunidense e aponta-se o papel que as guerras constantes têm desempenhado em termos político-econômicos.

Imperialismo e militarismo

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

Capitalismo e imperialismo apresentam uma relação “simbiótica”, responsável pela configuração das relações internacionais desde a origem do sistema moderno até o presente. Tendo o capitalismo passado por transformações estruturais ao longo do tempo, entende-se que o imperialismo também o fez, acompanhando-o. Ao tratar do conceito de imperialismo, deve-se reputar que este apresenta um caráter polissêmico e que suas diferentes significações complicam a sua utilização de maneira autoexplicativa, frequentemente tornando-a polêmica e desconsiderando seu aspecto analítico^{IX}. A atribuição de rigor científico a esse conceito, à vista do desenvolvimento teórico existente e em desenvolvimento, constitui uma tarefa importante para quem busca instrumentalizá-lo para a interpretação dos fenômenos globais.

Para que se possa compreender o imperialismo no presente momento histórico, é necessário atentar para as estruturas que o concebem e suas modificações ao longo do tempo. Desse modo, o imperialismo se apresenta como parte necessária do capitalismo, que se manifesta sob formas e constelações diferentes, de acordo com o desenvolvimento técnico-econômico e as mudanças nas relações de forças sociais e políticas^X. Além disso, o imperialismo não consiste em um simples fenômeno econômico, mas na expressão da complexa forma político-econômica do capitalismo^{XI}. Desse modo, compreendê-lo demanda uma associação com a economia política internacional.

Na trilha de Marx, vários autores, à luz de seu tempo e da configuração das relações internacionais de cada época, trataram (e tratam) da questão do imperialismo. Isto, pois, são os teóricos marxistas que, tradicionalmente, têm empregado o imperialismo como categoria central, atribuindo-o destaque e refinando-o^{XII}. Conforme Duménil, Löwy e Renault^{XIII}, “o conceito moderno [do imperialismo] aparece no século XX, com a obra pioneira de John Atkinson Hobson, *Imperialismo* (1910)”, a qual “destaca a relação entre a dinâmica imperialista e a passagem do capitalismo de livre concorrência ao capitalismo monopolista”. Sequencialmente, importa mencionar a obra *O Capital Financeiro* (1910) de Rudolf Hilferding, que ergueu a base sobre a qual Rosa Luxemburgo, Karl Kautsky, Nikolai Bukharin e Lênin teorizaram^{XIV} – os cinco são considerados expoentes clássicos do marxismo no que se refere à matéria.

Assim, desde o início do século passado até o presente, o imperialismo tem sido um conceito predominantemente empregado pelos marxistas, embora alguns autores não-marxistas clássicos^{XV} e contemporâneos^{XVI} também o tenham feito.

As teorias marxistas do imperialismo podem ser divididas em três debates: a) o debate pioneiro, já mencionado, ocorrido no início do século XX; b) o debate fordista, iniciado após a crise econômica de 1929, que perpassou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e se estendeu até aproximadamente a Crise Mundial do Petróleo de 1973; c) o debate pós-fordista, iniciado na década de 1970 e que se estende até o presente^{XVII}. O segundo debate acerca do imperialismo, conforme o nome indica, é caracterizado pelo fordismo, em razão da reestruturação produtiva ocasionada e

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

seus efeitos globais. Na sequência, o debate pós-fordista ocorre em um contexto de fragilidade do modelo de bem-estar social no centro global e de ascensão do neoliberalismo. É neste terceiro debate que se insere a contribuição de Ellen Wood sobre o imperialismo, que fornecerá as lentes teóricas através das quais o presente trabalho realizará interpretações da realidade internacional concreta. Nesse sentido, a principal obra da autora acerca do tema é “O império do Capital” (2003), cujo objetivo é “definir a essência do imperialismo capitalista”, conforme aponta Leonardo Leite^{xviii}. Para tanto, ela estuda as variadas formas historicamente assumidas pelo imperialismo, visando compreender o elemento distintivo que marca o imperialismo contemporâneo^{xix}.

Nesse percurso, Wood analisa diversos impérios pré-capitalistas e compreende que a dominação exercida por estes era, fundamentalmente, baseada na coerção extraeconômica. De maneira diversa, o imperialismo capitalista se apresenta como o primeiro centrado na coerção econômica^{xx}. Para Ellen Wood^{xxi}, o imperialismo capitalista não é marcado pela colonização direta, como ocorreu com o Império Britânico, mas pela presença de mecanismos econômicos (capitalistas) de dominação. Isso ocorre mesmo que esses mecanismos estejam, por sua vez, associados a mecanismos extraeconômicos. Nos termos da própria autora^{xxii}, o que torna o imperialismo “especificamente *capitalista* é a predominância da coerção econômica, que se distingue da coerção ‘extraeconômica’ – política, militar ou judicial – direta”. Contudo, ela reconhece que, “isso não quer dizer, de forma alguma, que o imperialismo capitalista possa abrir mão da força extraeconômica”^{xxiii}. Portanto, para Wood^{xxiv}, “entender o ‘novo imperialismo’ [...] exige que entendamos as especificidades do poder capitalista e a natureza da relação entre a força econômica e extraeconômica no capitalismo”. Acerca disso, afirma a autora que:

[...] O capitalismo é único na sua capacidade de separar o poder econômico do extraeconômico e que isso, entre outras coisas, implica que o poder econômico do capital é capaz de ir muito além do controle de qualquer poder político ou militar existente ou concebível. Ao mesmo tempo, o poder econômico do capital não pode existir sem o apoio da força extraeconômica; e a força extraeconômica é hoje, tal como antes, oferecida primariamente pelo Estado^{xxv}.

À vista do exposto, nota-se que, de acordo com a teoria marxista, Wood verifica a separação formal entre as esferas econômica e política no capitalismo, mas o faz sem desconsiderar a indivisibilidade prática dessas. Isto, pois, não há espaço para a dominação econômica do imperialismo senão dentro do sistema político pluriestatal que conforma a ordem capitalista global.

Para além, Wood^{xxvi} contribui para a compreensão dos mecanismos econômicos do imperialismo através da sua concepção de “imperativos de mercado”. Para ela, “a imposição dos imperativos de mercado também está na base do novo imperialismo”^{xxvii}. Os imperativos de mercado são aqueles originados pela introdução e sustentação da dinâmica econômica capitalista por todo o globo^{xxviii}.

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

Tais imperativos garantem uma coerção econômica “invisível”, uma vez que a submissão à lógica do capital não é questionada, sendo o próprio sistema capitalista naturalizado. Apesar disso, Wood não desconsidera a relação entre imperativos econômicos e mecanismos extraeconômicos na dinâmica imperialista. A autora reconhece que “o poder econômico do capital pode ser capaz de ir além do alcance militar e político, mas só o fará se e quando as “leis” da economia capitalista forem ampliadas – e isso é algo que exige ajuda extraeconômica [...]”^{xxix}. Nas últimas décadas, a imposição dos imperativos de mercado está diretamente associada com o chamado ajuste estrutural que vários países sofreram, especialmente sob influência do Fundo Monetário Internacional (FMI)^{xxx}. Com isso, dinâmicas de acumulação, possibilitadas pelos imperativos de mercado, encontram amparo extraeconômico para a sua ocorrência, como na política estatal.

Além disso, a teorização de Wood tem o mérito de reconhecer, no âmbito dos mecanismos extraeconômicos de dominação do imperialismo, uma variedade de dimensões, para além da político-econômica. Nessa senda, ela explora o militarismo como um traço fundamental do imperialismo, que adquire novos contornos de acordo com a especificidade capitalista deste:

É o primeiro imperialismo em que o poder militar foi criado não para conquistar território nem para derrotar rivais. É um imperialismo que não busca expansão territorial nem dominação física de rotas territoriais. Ainda assim, ele produziu essa enorme e desproporcional capacidade militar com um alcance global sem precedentes. Talvez seja precisamente por não ter nenhum objetivo claro e finito que o novo imperialismo exija força militar tão pesada. A dominação ilimitada de uma economia global e dos múltiplos Estados que a administram exige ação militar sem fim, em propósito ou tempo^{xxxi}.

Tais observações refletem diretamente o contexto observado pela autora, marcado pela Guerra ao Terror, iniciada em 2001. De acordo com ela, entende-se que o capital precisa da guerra “sem fim” para sustentar sua hegemonia sobre o sistema pluriestatal, seja pelo impacto político, interno e externo aos Estados, ou econômico, como no caso do ataque ao Afeganistão e do interesse estadunidense nas reservas de petróleo e gás da Ásia Central^{xxxii}.

Com base nessa constatação sobre as guerras “sem fim”, que remete às guerras constantes sob o sistema capitalista, parte-se, na sequência, para uma análise específica do imperialismo estadunidense. Nessa senda, será analisado o papel dessas guerras dentro da dinâmica imperialista.

Imperialismo estadunidense e guerras sem fim

Os EUA se apresentam, hoje, como principal potência imperialista no âmbito global e estão, de maneira direta ou indireta, envolvidos com uma parte significativa

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

das guerras internacionais. Embora tenham alcançado sua hegemonia após a Segunda Guerra Mundial, o seu envolvimento com guerras constantes é significativamente anterior. Conforme David Vine^{xxxiii} aponta, a partir dos dados de Torreon e Plagakis^{xxxiv} e complementando-os, entre 1798 e 2018, somente os seguintes anos não foram marcados por alguma guerra ou invasão envolvendo os EUA: 1796, 1797, 1897, 1935-40, 1977 e 1979. Tais dados amparam a proposição de Lenin^{xxxv} de que a paz seria apenas um intervalo entre as guerras constantes no capitalismo.

Nesse sentido, cabe destacar que a hegemonia não pode ser simplesmente *mantida*, mas precisa ser constantemente *reproduzida*. José Luís Fiori^{xxxvi} afirma que “não existe a possibilidade de que as grandes potências possam praticar, de forma permanente, uma política apenas voltada para o *status quo*”. Tal constatação encontra amparo na dinâmica do imperialismo que, conforme já exposto, expressa a economia política de expansão internacional do capitalismo, por meio da dominação política e da dependência econômica.

Ellen Wood^{xxxvii} refere que “a hegemonia imperial depende da manutenção do controle sobre os muitos Estados que mantêm a economia global”. A partir disso, a guerra pode ser encarada como uma forma de controle, tanto dos inimigos, pela força, quanto dos aliados, que se comprometem a acompanhar os interesses de um Estado em beligerância.

No século XX, a orientação bélica e imperialista da política externa dos EUA pode ser verificada através de exemplos como a Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1955-1975) e a Guerra do Golfo (1990-1991). As duas primeiras, consideradas guerras por procuração^{xxxviii}, fizeram parte da Guerra Fria. Por seu turno, a Guerra do Golfo (1990-1991) foi uma guerra na qual os EUA lideraram a coalizão internacional contra a anexação do Kuwait pelo Iraque.

No século XXI, a Guerra do Afeganistão (2001-2021) e a Guerra do Iraque (2003-2011) integram o conjunto de guerras e de outros eventos que compõem a chamada Guerra ao Terror (2001-presente)^{xxxix}. A Guerra ao Terror representa uma nova etapa do intervencionismo militar estadunidense, sobretudo no Oriente Médio, e constitui uma estratégia de longo prazo de consolidação do domínio estadunidense como potência no capitalismo global. Por sua vez, a Guerra da Ucrânia (2022-presente), embora tenha a Rússia e a Ucrânia como principais Estados beligerantes, conta com o envolvimento direto dos EUA que, de acordo com analistas, estaria fortificando em torno de si uma “aliança democrática” pró-Ucrânia^{xl}. Tratando-se dos fundamentos políticos para a reprodução da hegemonia, deve se ter em conta que, apesar de os EUA figurarem como Estado central do poder capitalista no tabuleiro geopolítico, “o poder imperial depende não somente de seu próprio Estado doméstico, mas de todo um sistema global de múltiplos Estados”^{xli}. Portanto, do ponto de vista do imperialismo estadunidense, a maior conquista advinda das guerras é a consolidação de seu domínio sobre o sistema pluriestatal, com a atração de aliados para a sua órbita hegemônica. Souza e Moraes^{xlii}, ao analisar as coalizões com liderança estadunidense na Guerra do Afeganistão e na Guerra do Iraque concluíram

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

que, em ambos os casos, as coalizões não elevaram a efetividade militar dos EUA, que poderia tê-las dispensado, ao menos do ponto de vista da ação bélica. Contudo, os autores ressaltam que as coalizões conferiram, pelo multilateralismo, uma aparência de legitimidade às ações militares estadunidenses perante a comunidade internacional. Ademais, estabeleceram, em alguma medida, o alinhamento de países às políticas externas de Washington^{XLIII}.

Ademais, outros dois fundamentos consistem na supremacia militar alcançada e nas demonstrações práticas de poder. A supremacia militar estadunidense contribui, entre outros fatores, como uma forma de controle global, não somente pelo uso da força, mas pela sua ameaça ou possibilidade.

Em que pese países como a China possuam como um dos seus pilares de investimento o setor de defesa, não há uma disputa em andamento que se equipare à corrida armamentista realizada durante a Guerra Fria. Isto, pois, a supremacia militar estadunidense decorre de uma articulação muito desenvolvida e custosa, com a qual outros Estados não vêm sentido em tentar se igualar. Nesse sentido, a Tabela 1 apresenta a lista dos cinco países com maiores gastos militares em 2022, liderados pelos EUA:

Tabela 1 – Os cinco países com maiores gastos militares em 2022 (em bilhões US\$) e sua porcentagem (%) na divisão global desses gastos

País	Gastos militares em 2022 (bilhões US\$)	Divisão global (%)
EUA	877	39
China	292*	13*
Rússia	86.4*	3.9*
Índia	81.4	3.6
Arábia Saudita	75*	3.3*
* Dados estimados.		

Fonte: Stockholm International Peace Research Institute^{XLIV}.

Conforme a Tabela 1, observa-se que os EUA tiveram um gasto militar de 877 bilhões de dólares em 2022, equivalente a 39% dos gastos globais na categoria. Somados, os gastos dos outros quatro países listados equivalem a 23,8% na divisão global e representam pouco mais da metade dos gastos militares estadunidenses no período.

Além disso, as demonstrações práticas de poder contribuem para o controle global, na medida em que evidenciam que os EUA estão dispostos a usar da força contra qualquer novo inimigo. Assim, outros conflitos podem ser deflagrados, sob diferentes pretextos, a partir desse poderio militar já demonstrado. Nessa senda, Wood^{XLV} caracteriza tais práticas como “terror exemplar *pour encourager les autres*” (para incentivar os outros), a partir de um “efeito demonstração”.

Ainda, no âmbito interno dos EUA, a guerra permanente também apresenta seus propósitos políticos, na medida em que instiga um clima de terror e medo na

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

população^{XLVI}. Para além de tentar “justificar os custosos programas militares e o cerco às liberdades civis”, conforme apontado por Leandro Conde^{XLVII}, esse clima ainda conduz ao apoio de setores da sociedade às múltiplas investidas imperialistas dos EUA, para além daquelas de caráter militar.

Assim, a inserção dominante dos EUA nas relações internacionais se “retroalimenta”, pois suas ações beligerantes geram um clima interno que, em determinadas condições, repercute na agudização do imperialismo, com respaldo de alguns setores da sociedade. Wood^{XLVIII} aponta que “não há nada como um estado de guerra para consolidar a dominação interna, especialmente nos Estados Unidos”. A autora cita o exemplo da ameaça de guerra no Iraque, que foi utilizada para influenciar as eleições para o Congresso estadunidense à época. Para além, em termos de fundamentos econômicos, cabe elencar alguns que se relacionam com ganhos diretos ou indiretos e que mantêm relação com a hegemonia estadunidense. Nesse sentido, serão observados aspectos relacionados a recursos, lucros e diretrizes econômicas.

No tocante aos recursos, Peter McLaren^{XLIX} salienta que a guerra travada pelos EUA no Afeganistão foi uma guerra imperialista em uma região produtora de petróleo. Conforme assinalado pelo autor em 2003, dois anos após a invasão do Afeganistão, mais de 65% dos recursos petrolíferos mundiais conhecidos à época estavam localizados nos Estados do Golfo Pérsico, razão de os interesses estadunidenses na região serem de longa data.

Além disso, Noam Chomsky^L atenta para o fato de que, pela primeira vez, os EUA estabeleceram bases militares na Ásia Central, posicionando-se assim de maneira estratégica para atender aos seus interesses corporativos. Interesses esses centrados no controle dos recursos da região e no cerco dos recursos energéticos da região do Golfo^{LI}. Cabe ressaltar que as guerras por petróleo travadas pelos EUA no Oriente Médio, incluindo as do século XX, não objetivavam estabelecer controle direto sobre as reservas petrolíferas. Ao invés disso, tinham como meta: a) assegurar regimes politicamente alinhados a Washington; b) garantir a sua suficiência energética interna; c) manter a estabilidade dos preços do petróleo^{LII}.

Acerca da lucratividade, destaca-se que setores específicos da economia interna estadunidense se beneficiam significativamente com a ocorrência das guerras. De acordo com Wood^{LIII}, “existe, é claro, uma necessidade há muito estabelecida de sustentar o ‘complexo militar-industrial’, que sempre foi fundamental para a economia norte-americana”. A autora cita a produção militar, a militarização da indústria aeroespacial e do comércio global de armas^{LIV}, entre outros setores que podem ser elencados. Para alguns setores privados, a guerra é essencial para a maximização da produção e dos lucros. Nesse sentido, a Guerra ao Terror, por exemplo, rendeu centenas de bilhões de dólares em contratos governamentais com companhias privadas, as quais exercem forte lobby político para a continuidade dos gastos^{LV}.

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

Em termos de diretrizes econômicas, Fiori^{LV} assinala que a Guerra do Iraque transmitiu uma mensagem para os países da periferia global, no sentido de que haveria dois pesos e duas medidas a partir de então: a “lei das selvas” e a “lei dos mercados”, sendo a última reservada para os que aceitassem o imperialismo da economia global. O autor menciona ainda o fato de esse imperialismo ser gerido por um consórcio de instituições financeiras, como o FMI e o Banco Mundial.

Dessa forma, lei das selvas e lei dos mercados são imposições imperialistas para a reprodução de uma hegemonia baseada em consentimento ou coerção. Devido à supremacia militar estadunidense e às demonstrações práticas de poder já tratadas, existe no século XXI um “incentivo” externo para que os países sigam as diretrizes econômicas neoliberais e privatizantes que irradiam dos EUA desde o Consenso de Washington.

Portanto, restam expostos possíveis fundamentos políticos e econômicos que apontam vantagens, diretas ou indiretas, aparentes ou ocultas, obtidas pelos EUA ao longo dessas guerras. Entende-se que é através do entrelaçamento entre política e economia que se pode compreender como as guerras imperialistas operam e contribuem para a reprodução da hegemonia estadunidense.

Conclusão

Em sede conclusiva, tem-se que a análise da realidade internacional concreta através de teorias predominantemente marxistas possibilita uma mirada crítica, capaz de compreender o militarismo como uma dimensão indissociável do imperialismo. Por tal razão, o militarismo deve ser compreendido de acordo com a economia política internacional.

Por sua vez, verificou-se que o militarismo, pelo seu caráter estrutural no sistema capitalista, conduz às guerras sem fim. Nessa senda, a conflitualidade é a regra no capitalismo global e os momentos de relativa paz constituem uma exceção.

No caso das guerras travadas pelos EUA após 1945, a exemplo da Guerra da Coreia, da Guerra do Vietnã, da Guerra do Golfo, da Guerra do Afeganistão, da Guerra do Iraque e da Guerra da Ucrânia, tem-se conflitos que, de alguma forma, contribuíram para a sua dominação imperialista no capitalismo global. Conforme o desenvolvimento deste artigo apontou, isso se deu de acordo com aspectos político-econômicos, resumidos a seguir:

- a) Supremacia militar alcançada, considerando-se especialmente os gastos militares estadunidenses e o que eles representam na divisão global de gastos nesse setor (39%);
- b) Demonstrações práticas de poder, que favoreceram a imposição de imperativos de mercado aos Estados não beligerantes, com auxílio de organizações internacionais (como o Banco Mundial e o FMI);
- c) Atração de aliados para a órbita hegemônica dos EUA, ampliando sua influência e constituindo um consórcio de Estados, que se somam na busca de seus

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

interesses e, com frequência, conferem legitimidade às suas ações diante da comunidade internacional;

d) Domínio estratégico de recursos economicamente vitais, como o gás e o petróleo;

e) Lucratividade de setores da economia interna estadunidense, especialmente associados ao complexo militar-industrial, que precisam da guerra sem fim para a sua manutenção;

f) Promoção, em alguns casos, de apoio político interno às guerras e de justificativa dos gastos envolvidos, devido ao clima de terror e medo gerado.

À vista dos resultados obtidos, percebe-se que o papel desempenhado pelas guerras pode ser entendido, em sua complexidade, a partir de uma análise político-econômica. O militarismo se apresenta como tendência no sistema capitalista e os EUA, enquanto potência hegemônica, estabelece uma dinâmica imperialista pautada por guerras sem fim.

Notas de fim

ⁱ FIORI, José Luís. O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ⁱⁱ A Conferência de Bretton Woods foi responsável pela origem de instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, além de normas (taxas cambiais fixas e mecanismos para alterá-las), que deram forma a um novo sistema monetário internacional, correspondente ao padrão dólar-ouro. Isso ocorreu sob uma percepção compartilhada pela comunidade internacional acerca dos EUA como potência em um contexto de enfraquecimento dos países europeus em face da guerra. Conforme: DATHEIN, Ricardo. Sistema monetário internacional e globalização financeira nos sessenta anos de Bretton Woods. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. Rio de Janeiro, n. 16, p. 51-73, jun. 2005.

ⁱⁱⁱ Outras instituições incluem, por exemplo, a Organização dos Estados Americanos (OEA) (1948) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (1949).

^{iv} FERNANDES, Luis. **A revolução bipolar**: a gênese e a derrocada do socialismo soviético. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017.

^v FIORI, José Luís. O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

^{vi} DE DAVID, Thomaz Delgado. SILVA, Maria Beatriz Oliveira da. Imperialismo e hegemonia estadunidense no século XXI: o papel da Guerra ao Terror. **Brazilian Journal of International Relations**, v. 11, n. 3, p. 383-405, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/12461>. Acesso em: 10 dez. 2023.

^{vii} FOSTER, John Bellamy; MCCESNEY, Robert W. The American Empire: Pax Americana or Pox Americana? **Monthly Review**, v. 56, n. 4, 2004. Tradução nossa.

^{viii} LEFEBVRE, Henri; GUTERMAN, Norbert. **Que és la dialectica?** Buenos Aires: Dedalo, 1964.

^{ix} HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2014.

^x HIRSCH, Joachim. **Teoria materialista do Estado**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

^{xi} HIRSCH, Joachim. **Teoria materialista do Estado**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

^{xii} OSÓRIO, Luiz Felipe. Marxismo e Relações Internacionais: duas faces da mesma moeda. In: DE DAVID, Thomaz Delgado; SILVA, Maria Beatriz Oliveira da. (Org.), **Marxismo, Direito e Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

- ^{xiii} DUMÉNIL, Gérard; LOWY, Michael; RENAULT, Emmanuel. **100 palavras do marxismo**. São Paulo: Cortez, 2015, p. 71.
- ^{xiv} LEITE, Leonardo de Magalhães. Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica. **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 2, p. 507-534, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v23n2/0104-0618-ecos-23-02-0507.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{xv} HOBSON, John. **Imperialism: a study**. New York: Cosimo, 2005.
- ^{xvi} COHEN, Benjamin J. **A questão do imperialismo**: a economia política da dominação e dependência. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ^{xvii} OSÓRIO, Luiz Felipe. **Imperialismo, Estado e Relações Internacionais**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- ^{xviii} LEITE, Leonardo. A lógica do império do capital (uma homenagem à Ellen Wood). **Blog da Boitempo**. 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/01/15/a-logica-do-imperio-do-capital-em-homenagem-a-ellen-m-wood/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{xix} LEITE, Leonardo. A lógica do império do capital (uma homenagem à Ellen Wood). **Blog da Boitempo**. 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/01/15/a-logica-do-imperio-do-capital-em-homenagem-a-ellen-m-wood/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{xx} LEITE, Leonardo. A lógica do império do capital (uma homenagem à Ellen Wood). **Blog da Boitempo**. 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/01/15/a-logica-do-imperio-do-capital-em-homenagem-a-ellen-m-wood/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{xxi} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ^{xxii} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17, grifo da autora.
- ^{xxiii} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.
- ^{xxiv} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.
- ^{xxv} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 18.
- ^{xxvi} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ^{xxvii} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 28.
- ^{xxviii} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ^{xxix} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 28.
- ^{xxx} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ^{xxxi} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 109.
- ^{xxxii} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ^{xxxiii} VINE, David. **The United States of War**: a global history of America's endless conflicts, from Columbus to the Islamic State. Oakland: University of California Press, 2020.
- ^{xxxiv} TORREON, Barbara Salazar; PLAGAKIS, Sofia. **Instances of Use of United States Armed Forces Abroad, 1798-2018**. Washington: Congressional Research Service, 2018.
- ^{xxxv} LENIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo**: estágio superior do capitalismo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- ^{xxxvi} FIORI, José Luís. O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 102.
- ^{xxxvii} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 11, grifo nosso.
- ^{xxxviii} No contexto da Guerra Fria, as chamadas "guerras por procuração" ocorreram em territórios não pertencentes aos EUA e à URSS, mas contaram com o envolvimento dessas potências e serviram como forma de atender a interesses diversos, especialmente pela demonstração de poder na disputa política entre representantes de sistemas antagônicos (capitalismo e socialismo).
- ^{xxxix} O presente artigo emprega o termo Guerra ao Terror para designar a continuidade, mesmo que marcada por modificações substanciais ao longo do tempo, de uma política externa antiterrorista dos EUA para o Oriente Médio durante o transcorrer do início do século XXI. Contudo, salienta-se que tal designação foi utilizada e ganhou notoriedade durante o Governo Bush (2001-2009) e foi abandonada do discurso oficial desde o governo Obama (2009-2017), acompanhando as reconfigurações operacionais ocorridas. Conforme: PECEQUILLO, Cristina Soreanu; FORNER, Clarissa Nascimento. Barack Obama e o Oriente Médio: um panorama crítico (2009/2017). **Carta Internacional**, v. 12, n. 2, p. 101-125, 2017. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/656/354>. Acesso em: 10 dez. 2023.

OSÓRIO, L. F.
DE DAVID, T. D.

- ^{XL} BECKLEY, Michael; BRANDS, Hal. The Return of Pax Americana? Putin's War Is Fortifying the Democratic Alliance. **Foreign Affairs**, 2022. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2022-03-14/return-pax-americana>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- ^{XLI} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 61.
- ^{XLII} SOUZA, André de Mello; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. Coalizões globais lideradas pelos Estados Unidos na Guerra ao Terror (2001-2011): para além do unilateralismo. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 763-790, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292015000200763&script=sci_arttext. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{XLIII} SOUZA, André de Mello; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. Coalizões globais lideradas pelos Estados Unidos na Guerra ao Terror (2001-2011): para além do unilateralismo. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 763-790, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292015000200763&script=sci_arttext. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{XLIV} STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **Trends in World Military Expenditure, 2022**. 2023. Disponível em: <https://www.sipri.org/publications/2023/sipri-fact-sheets/trends-world-military-expenditure-2022>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{XLV} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 124.
- ^{XLVI} CONDE, Leandro Carlos Dias. Revisitando a "Guerra ao Terror": terrorismo e política externa norte-americana no pós-Guerra Fria. **Conjuntura Global**, v. 4, n. 1, 2015, p. 70-83. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/41410/25368>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{XLVII} CONDE, Leandro Carlos Dias. Revisitando a "Guerra ao Terror": terrorismo e política externa norte-americana no pós-Guerra Fria. **Conjuntura Global**, v. 4, n. 1, 2015, p. 70-83. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/41410/25368>. Acesso em: 10 dez. 2023. p. 78.
- ^{XLVIII} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 124.
- ^{XLIX} McLAREN, Peter. The dialectics of terrorism: a Marxist response to September 11 (Part two: unveiling the past, evading the present). **Cultural studies, critical methodologies**, v. 3, n. 1, p. 103-132, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1532708603239263?journalCode=cscs>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^L CHOMSKY, Noam. Wars on Terror. **New Political Science**, v. 25, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0739314032000071253?src=recsys&>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{LI} CHOMSKY, Noam. Wars on Terror. **New Political Science**, v. 25, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0739314032000071253?src=recsys&>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{LII} JONES, Toby Craig. America, oil, and war in the Middle East. **The Journal of American History**, v. 99, n. 1, p. 208-218, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41510316?seq=1>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{LIII} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 124.
- ^{LIV} WOOD, Ellen. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ^{LV} HARTUNG, William D. The Military-Industrial Complex Revisited: Shifting Patterns of Military Contracting in the Post-9/11 Period. **Costs of War**. Disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2011/The%20Military-Industrial%20Complex%20Revisited.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ^{LVI} FIORI, José Luís. O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Vozes, 2004.